



VOZ DA FÁTIMA

De uma só coisa depende que a Rússia se converta ou não; que haja ou não uma terceira guerra mundial; que a Igreja de Jesus Cristo volte ou não às Catacumbas: Tudo isto depende da nossa disposição em aceitar e fazer o que a Mãe de Deus em pessoa nos veio pedir à Fátima.

HAMISH FRASER, comunista convertido

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Mala — Telef. 22336
Composto e Impresso nas Oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

ANO XXXV — N.º 414
13 de MARÇO de 1957

AVENÇA

Senhora da Soledade

EM longas horas sem fim, procura o pensamento repousar em Nossa Senhora, cujas longas horas foram perene fonte de luz, pela meditação dos mistérios divinos, em muitos dos quais também participou activamente.

Foi de soledade a vida da Senhora, e na soledade habituou-se a sua alma a imergir nas profundezas incomensuráveis de Deus.

É costume considerar tal soledade, a partir do momento da agonia em que a Santíssima Virgem, depois de ter em seus braços o corpo morto do seu Filho, piedosamente descido da cruz e carinhosamente colocado em sepultura nova que a amizade e a caridade lhe cederam, se viu só, tragicamente só, entregue à sua dor, até à alvorada gloriosa da Ressurreição. Que essa dor da Senhora foi profunda, a maior dor de criatura humana, não há que duvidá-lo. Os sofrimentos de Jesus e também a sua morte cruelmente os sentiu a Senhora, em seu coração. E essa dor não foi atenuada pela certeza de que seu Filho havia de ressuscitar, conforme por várias vezes anunciara. Como profundamente lembra S. Bernardo, as alegrias do futuro não suprimem as torturas do presente e, sem graça especial, não podia a Senhora resistir a tamanho sofrimento. Não fora assim, e a esperança do crente na imortalidade da alma e na ressurreição da carne, baniria do mundo o sofrimento moral e até o sofrimento físico.

Sofreu a Senhora, em agonia, a paixão inenarrável do Senhor e continuou a sofrê-la em sua glacial solidão, alheia a tudo quanto a cercava, mas sempre heróicamente serena, com a alma inundada de fé, de confiança e de amor, tendo ininterruptamente presente no espírito Aquele que já não viam os seus olhos corporais. Não há memória, não pode havê-la, de soledade ao mesmo tempo tão dolorosa e tão fecunda.

Mas a soledade destas horas heróicas foi preparada na soledade de outras horas que, aparentemente banais, também souberam a sangue de sacrifício.

Quantas horas viveria a Senhora, ainda Menina, longe das diversões da sua idade e retirada de ocupações domésticas, para mais profundamente se absorver na oração, pela qual ansiava a sua alma? Em exílio, no Egipto, tão longe de parentes e de amigos, qual seria o teor do seu viver?

Pelo que reza a tradição, sabemos que em Nazaré passava sôzinha longo tempo, enquanto S. José e o Menino se entregavam aos labores da faina quotidiana. Mas nessa quadra a presença de Jesus, ao menos por espaços largos, iluminava a casinha pobre, que não era miserável, e mais ainda a alma de sua Mãe que, nas suas palavras e nos seus gestos, sentia o desenrolar providencial do mistério.

Depois, o Senhor começou o seu ministério público, e então a Senhora ficou afogada em sua solidão. Quantas vezes desejaria acompanhar o Filho em suas deambulações apostólicas, sofrer fome e sede com Ele, partilhar das suas fadigas e suportar as ofensas e impropérios que lhe eram dirigidos, por adversários cegos do rancor que sempre atea o orgulho ferido. Sendo seu dever ficar sôzinha, mais dolorosa se tornava a agonia.

Porque na soledade há, em primeiro lugar, o sofrimento do próprio isolamento. Este não o sentia profundamente a Senhora, porque a ausência dos homens era largamente compensada pela presença de Deus. No silêncio do claustro, na solidão do deserto, no torvelinho do mundo, a alma do santo, para além do humano convívio social, goza do sobrenatural convívio divino.

Isso, evidentemente, não impede que se sofra a ausência de quem muito se estima. E a separação atinge o grau maior de sofrimento, quando entre dois mundos e duas almas se ergue o espectro da morte. É sempre a realização do princípio: a graça não suprime a natureza. Por isso Nossa Senhora sofreu tanto, quando perdeu o seu Menino, quando teve de separar-se de Jesus durante as viagens apostólicas, e quando, ao depois, o viu exalar o suspiro derradeiro, na paisagem trágica do Calvário, e sepultar no sepulcro por caridade oferecido.

Não se sofre então a solidão pela solidão, sofre-se pelo bem que se perde. É esta a segunda característica da soledade.

A terceira realiza-se, quando se sabe que muito sofre a pessoa ausente que se estima, e não se lhe pode valer. Sofre-se o que se sabe e sofre-se o que a imaginação cria e o coração avoluma. Em trecho de grande estilo, descreve Bossuet o que sofreria a Senhora durante toda a vida, pela palavra profética do velho Simeão. Seria o Menino sinal de contradição, e uma espada de dor havia de trespassar-lhe o Coração de Mãe. Como viria a realizar-se a profecia? Não o sabia Ela, mas em toda a parte, à luz do dia, na escuridão das trevas, no silêncio dos caminhos, nas dobras das ruas e no recinto sagrado do Templo e das sinagogas, via espadas nuas e alfanges de sicários para matar o seu Menino, porque para a Mães sempre os filhos são meninos.

Na alma profundamente solitária de Maria, assentou seu trono, desde a Conceição Imaculada, a Trindade Santíssima.

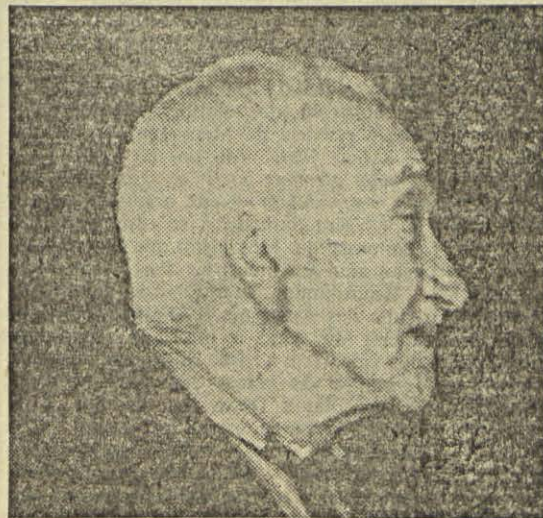
Só em almas assim, que não se dissipam nem vagueiam, fora de si mesmas, gosta o Senhor de habitar.

† MANUEL, Arcebispo de Évora

D. MANUEL TRINDADE SALGUEIRO

Embora já tenha podido regressar à sua querida Arquidiocese de Évora, continua ainda convalescente S. Ex.ª Rev.ª o Sr. D. Manuel Trindade Salgueiro, que mesmo na sua doença não se esqueceu da «Voz da Fátima» nem dos seus leitores e nos brindou com o magnífico artigo que antecede. Como

prova melhor do nosso profundo reconhecimento, peçamos a Nossa Senhora da Fátima que dê saúde e forças ao Venerando Prelado, que por Ela tanto tem trabalhado e que há tantos anos honra as colunas da «Voz da Fátima», ainda, por vezes, à custa de muitos e pesados sacrifícios.



MANUEL
PEDRO
MARTO

Um Homem
justo e recto

por M. Lopes da Fonseca

No dia 3 de Fevereiro, quando a terra se submergia nos negrumes da noite, transpôs os umbrais da eternidade um homem humilde de nascimento mas de espírito nobilíssimo. Os privilégios conferidos por Deus à sua casa são de um esplendor inexcusable. Todo o Universo os conhece, e nenhum outro homem do mundo contemporâneo se poderá gloriar de uma auréola que nimbava a fronte deste, sem jamais o vermos vangloriar-se dos carismas concedidos aos frutos do seu sangue.

Trata-se do Sr. Manuel Pedro Marto, pai dos Videntes da Fátima Francisco e Jacinta e tio da Irmã Lúcia.

Vai fazer 40 anos que Nossa Senhora se manifestou na Fátima aos seus filhos — hoje Servos de Deus, cujos Processos de Beatificação seguem os seus trâmites.

Nos primeiros tempos, os pequeninos Videntes foram alvo de zombarias e vitupérios. Quem poderia acreditar nesses pastoritos que se puseram a narrar coisas inverosímeis como delegados de um Poder sobrenatural?

Dos documentos autênticos onde está consignada, na integridade e pureza dos factos, a História de Fátima, sobressai esta realidade: — O Sr. Marto, pai dos dois Videntes, acreditou na transcendência e sobrenaturalidade dos acontecimentos desde a primeira hora. Por isso, fez face às censuras do pároco, resistiu à autoridade administrativa, não maltratou os filhos como a cunhada Maria Rosa fez à sua, acompanhou as crianças ao local desde 13 de Julho, e viu os fenómenos, e ouviu coisas que a multidão não ouviu e de que deu depois testemunho desassombrado. E quando alguém, surpreendido pela revelação das suas palavras, meio duvidando, lhe perguntou:

— Mas o Sr. Marto ouviu isso?

Ele, tomando um ar mais grave, como quem invoca por testemunho o próprio Deus, exclama:

— Pois ouvi! Se não ouvisse, não estava a dizê-lo! Como o povo diz «à lavradora», mais valia cair um santo do altar abaixo que não dizer a verdade em coisas destas!

Enfermo desde as proximidades do Natal, na casa de seu filho José, de onde não quisera sair desde que Deus chamara a Si a Sr.ª Olímpia com dez meses precisos de intervalo, em 3 de Abril, o Sr. Marto conservou plena lucidez até ao fim. Suas últimas palavras foram de afecto e de paz para

a sua nora, que lhe servira de enfermeira devotadíssima. Seu último acto, cerca de uma hora antes de expirar, foi dar dinheiro para um pão a uma velhinha pobre que o visitara.

— Ó Júlia — disse para a nora — traz daí o dinheiro preciso para uma «carcaça» para a comadre Ana! — e entregou 1\$70 à velhinha de 82 anos. Seriam 19 horas quando este justo rendeu a alma a Deus.

A notícia espalhou-se tão rapidamente que, na manhã do dia 4, quando S. E.ª Rev.ª o Senhor Bispo Auxiliar de Leiria celebrava a Santa Missa na saleta para onde foi conduzida a urna onde o Sr. Marto permanecia de rosto sereno como quem dorme e de mãos juntas como quem reza, comprimiam-se centenas de pessoas, dentro e fora da vivenda.

Não morreu na sua casinha de Aljustrel o Sr. Marto, mas num lugarejo denominado por Fátima-Velha, toponímia local que distingue a antiquíssima Fátima da era dos Godos, da Fátima onde assenta a igreja paroquial, onde se baptizaram os Videntes, em redor da qual existe hoje um aglomerado populacional. Ali, num quartinho minúsculo alumiado durante o dia por reduzido janelo encaixado no muro, e noite adiante pela candeia tradicional, se passaram, entre o sofrimento e a conformidade, os últimos dias do Pai dos Videntes. Nas faces esqueléticas, de onde se sumiria a carne e onde luzia o espírito nos olhos de uma penetração singular, nunca se esbateram os traços de indomável virilidade de carácter que sempre o distinguira.

Uma palavra define a sua vida e a sua pessoa — Rectidão. Foi um homem recto perante Deus, perante a Igreja, perante os seus concidadãos, em todas as suas acções, palavras e pensamentos. Afirmações arrojadas, estas? Há provas que as confirmam de sobejo. Nos seus escritos, Antero de Figueiredo chamara-lhe «apocalíptico».

Na sua mocidade, o Sr. Marto, nas campanhas de África, fora soldado sob o comando de Mouzinho de Albuquerque contra o Gungunhana. Seguiu no Regimento de Caçadores 3 de Bragança, onde se incorporaram umas 120 praças de Leiria. Nesses empreendimentos heróicos terá reforçado a ténpera de aço do seu carácter.

Desde esta manhã — dia 5 de Fevereiro, a 10 meses do enterro da Sr.ª Olímpia e a 37 anos menos dois meses do do filho de ambos, Francisco

Peregrinação mensal de Fevereiro

Se nos fosse dado penetrar no íntimo das almas e descrever no seu colorido essencial os panoramas do espírito, as peregrinações ao Santuário da Fátima — mesmo as que se realizam no pino do inverno, envoltas no manto sombrio dum tempo agreste e chuvoso — oferecer-nos-iam belíssimos quadros, horizontes vastíssimos, desses que fazem dobrar o joelho, em adoração silenciosa mas vibrante, aos pés do Criador. Porém devemos circunscrever as nossas crônicas ao ambiente que a retina abraça — daí a diminuição do quadro, se o colocarmos ao lado das magníficas romagens dos meses de primavera e verão.

Neste dia 13 de Fevereiro, o inverno impiedoso fustigou e enregelou os membros dessas centenas de corajosos que não recearam enfrentar tais intempéries para vir prestar as suas homenagens à Mãe de Deus. A concorrência, todavia, foi diminuta. Todos os peregrinos couberam no interior da Basílica.

Apesar da cacimba impertinente que encharcara o vasto recinto, os fiéis rodearam a Capelinha durante a recitação do terço e seguiram na procissão que, qual desafio ao sacrifício, teve o percurso dos dias maiores, incorporando-se nela S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor D. João Pereira Venâncio, Bispo Auxiliar de Leiria.

Nestes dias em que não há burburinho, sem a compressão das massas humanas, as peregrinações revestem-se dum cunho de singular e edificante espiritualidade. É diversa, mais tranquila e fervorosa, a piedade dos fiéis.

Quando do magnífico carrilhão voaram as notas graves das 11 horas, já o Senhor Bispo Auxiliar celebrava a Santa Missa no interior da Basílica. No momento próprio o Rev. P. Manuel da Silva Gaspar, professor no Seminário de Leiria, dirigiu a palavra à assistência numa homilia densa de doutrina, que resumimos. Começou por recordar a celebração litúrgica do dia — festa das Cinco Chagas de N. S. Jesus Cristo, «*muito querida do povo português que se habituou a venerar as Chagas do Divino Crucificado nas Quinas da sua Bandeira*». Afirmou S. Rev.^a que a doutrina que estas Sacrossantas Chagas nos pregam anda assaz esquecida no mundo contemporâneo. E contudo «*das Chagas de Cristo brota a força e a coragem de que carecemos nas lutas a travar dia a dia*». Jesus Crucificado move-nos à resignação.

Marto — depois de um funeral que se revestiu de significado singular, sob chuva torrencial que mais parecia interminável procissão, em que se incorporou o Prelado Auxiliar da Diocese, o Clero regular e secular, centenas de seminaristas, muitas religiosas, muitas crianças, muito povo, todos participando nas solenes exéquias realizadas na matriz da Fátima e no Pontifical que se lhe seguiu, o corpo do Sr. Marto jaz junto daquela que foi sua esposa.

Estão espalhadas pelos quatro ventos as sentenças judiciosas deste homem bom. Apenas uma vai fechar este modesto arrazoado.

Certa ilustre senhora encontrara-se há tempo com o pai dos Videntes junto da Capela das Aparições.

— Sr. Marto, nas suas orações, lembre-se de mim.

O bom velhinho perfilou-se, poisou na dama seus olhos penetrantes, que eram dois faróis na face chupada, e sentenciou:

— Olhe, senhora, há pais bons que têm filhos maus, e há pais maus que têm filhos bons!

Esta subtilíssima resposta condensa uma lógica formidável. Ressalta nela a rectidão de um espírito perfeitamente equilibrado, que não admite o direito da ufania a um pai pelos carismas com que a Providência distinguiu os filhos da sua carne e da sua alma.

O pregador deteve-se depois a analisar o mistério da iniquidade — «*o pecado, a maior desgraça que pode existir no mundo*» — e suas funestíssimas consequências. O pecado é essa ingratitude inqualificável que induz o homem ao desprezo de Deus e o arrastaria a renovar pessoalmente o decídio, se lhe fosse possível crucificar de novo Jesus Cristo. Através das Nações retine o eco da revolta — *Tolle, tolle! Crucifige eum!* — e parece que perante as dores de Cristo no seu Corpo Místico recrudescer o ódio do pecador. O pecado deve ser sempre para o cristão o maior mal, melhor dito, o único mal, e o nosso primeiro esforço deve ser afastarmo-nos dele e procurar a conversão dos pobres pecadores. É esta a essência da Mensagem da Fátima. — «*Meus filhos — diz-nos Nossa Senhora — não ofendais mais a Deus que está muito ofendido!*» Neste angustioso apelo da Virgem Santíssima se resume toda a economia da Mensagem que Ela veio revelar aqui aos inocentes Pastorinhos.

Recordando determinadas particularidades das Aparições da Fátima, como os apelos do Anjo à imolação reparadora dos videntes e a visão do inferno que lhes incendiou as almas no desejo ardente de consolar a Deus, tão ofendido, e de salvar da perda eterna os pobres pecadores pela oração e pelo sacrifício, o Orador disse: — «*É preciso levar as crianças de hoje à prática da virtude, a uma santidade aberta, heróica, que repare os pecados do mundo!*» E acrescentou com veemência que Nossa Senhora, para impressionar profundamente os seus confidentes, foi até ao extremo de mostrar a essas almas cândidas o lugar de tormentos onde caem continuamente os impenitentes fautores do mal. E sabe-se até que ponto os videntes se imbuíram dessa visão horrenda, pois desde então viveram obsidiados por esta realidade:

— «*...vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas!*» E na sua vida, e na sua carne, souberam marcar profundamente as exigências da Mensagem que lhes foi revelada.

Após 1917 — disse ainda S. Rev.^a — Nossa Senhora revelou que os cataclismos que assolam o universo, esses rios de lágrimas e de sangue que sulcam as nações e onde se afogam as almas, tudo é consequência e punição do pecado. Ao lado de algumas almas — talvez bem poucas! — que têm sabido corresponder aos apelos da Mensagem da Fátima, há exércitos organizados contra Deus. No dizer de Sua Santidade Pio XII, «*o pecado organizado contra Deus*» é a semente que enflora em perniciosíssimas heresias e vai transformando a vida oficial dos Estados num caos de apavorantes perspectivas. Na legislação greco-pagã respeitava-se a ideia de Deus. Hoje nem essa preocupação subsiste, e isto não sucede apenas nas Nações declaradamente ateias. Têm sido instantes os apelos do Vigário de Cristo para que as Nações reconheçam os eternos direitos de Deus. Porém mesmo entre as almas de Sacramentos vai diminuindo a consciência do pecado! — é o brado do Papa na sua última Mensagem do Natal. Ouvem-se, é certo, repetidas lamentações acerca da perigosa marcha do mundo. E há bem poucos que a queiram travar no sector onde exercem a sua influência. Todas as vezes que subimos a esta montanha santa, onde Nossa Senhora quis levantar o seu Santuário e de onde dirigiu aos homens em perigo os seus avisos de Mão, devemos daqui sair melhores.

Durante esta Missa tardia comungaram muitos fiéis. No final foi dada, como habitualmente, a Bênção Eucarística in-

dividual aos enfermos, cujo número se aproximava de quatro dezenas, segundo o registo do Posto das Verificações Médicas, onde trabalharam o Director, e dois assíduos Colegas, respectivamente Srs. Dr. José Maria Pereira Gens, Dr. Alfredo Pimentel e Dr. Miguel Barata, coadjuvados por distintas Senhoras e Cavalheiros, Servitas de Nossa Senhora.

Enquanto Mons. Dr. Marques dos Santos, Reitor dos Seminários de Leiria, fazia as invocações habituais ao microfone, S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Bispo Auxiliar traçava com o ostensório o sinal santo da Cruz, primeiro sobre cada doente, depois sobre a multidão. Renovou-se a Consagração a Nossa Senhora segundo a fórmula de Sua Santidade Pio XII. A *Schola Cantorum* do Seminário de Leiria acompanhara as cerimónias.

Terminadas as funções litúrgicas, o Senhor D. João Pereira Venâncio abeirou-se do microfone para fazer com a assistência uma tríplice prece: primeiro por Sua Santidade Pio XII, o Papa da Fátima; segundo por S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria; terceiro por alma do Sr. Manuel Pedro Marto, falecido no dia 3 deste Fevereiro, Pai dos Videntes da Fátima.

Teceu S. Ex.^a Rev.^{ma} um alto elogio ao Sr. Marto, Pai de dois Servos de Deus cujo Processo de Beatificação está a correr seus trâmites. Disse o Senhor Bispo Auxiliar: — «*Não é novidade para ninguém que Nosso Senhor chamou à sua Divina Presença uma das últimas testemunhas dos maravilhosos acontecimentos de Fátima — o Sr. Manuel Marto, Pai dos Videntes Francisco e Jacinta. O seu funeral realizou-se no dia 5 com toda a pompa que o tempo tempestuoso permitiu. Talvez só na eternidade se possa saber o papel que coube a este homem nos acontecimentos de Fátima, em que ele foi instrumento firme e seguro, embora humilde e discreto, da Providência para amparo dos dois Pastorinhos seus filhos. Desde o primeiro momento, teve ele a intuição da verdade das aparições, contra as dúvidas quase gerais de toda a gente. Pai de dois videntes, podia aproveitar-se dessa circunstância para exaltação pessoal. Mas não. Manteve-se sempre numa humildade que impressionava. Chefe de família modelo, grande e igualmente a sua fé. Através de todo esse tempo que nos distancia das aparições, ele soube manter a sua alma intacta do apego aos bens terrenos. Aceitava dívidas, sim, nos últimos anos da sua vida. Porém eu sou testemunha do muito que ele dava aos pobres, à igreja paroquial, aos Seminários, às Missões. Este homem podia talvez amontoar muitos bens, que teve oportunidade disso; mas manteve-se sempre alheio à ambição. Teve ele grande devoção a este Santuário santificado pela manifestação da Mãe de Deus aos seus próprios filhos. Apresento nesta hora o Sr. Marto como exemplo humilde e discreto, mas certamente predestinado por Deus para nos dar estas salutares lições. Era um bom. Porém nós não sabemos a sorte das almas que partem deste mundo, embora virtuosas e boas. Portanto roguemos a Deus pelo seu eterno descanso e igualmente por alma de sua esposa, a Sr.^a Ollimpia.*

Feliz aquele que na hora do seu passamento pode merecer, como o Sr. Marto, os elogios espontâneos da Igreja — como o que S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor D. João Pereira Venâncio teceu a coroar a fronte deste patriarca em cujo espírito florescia a seiva da autêntica nobreza — que modela o homem recto, o justo que a Escritura engrandece.

A branca imagem de Nossa Senhora desceu a Basílica aos ombros de Servitas, num andor engalanado de cravos e camélias vermelhas. Nos rostos inflamados que se erguiam em prece para a Senhora que passava, enquanto os joelhos se dobravam e as mãos se uniam em ogiva, estampava-se um belíssimo poema de devoção mariana.

Invocação à Virgem Imaculada PARA O NOSSO TEMPO

Coberto de infâmia e de sangue, o nosso tempo avança para o seu destino eterno, carregado de todas as maldições que a Bíblia e o Apocalipse tinham anunciado.

Que tempo houve que mais desprezasse a santa pobreza, na qual se não vê senão um crime social, nos que a sofrem e nos que a toleram?

Que época houve em que se sentisse maior prazer em esmagar os mansos e em perseguir-los por todos os cantos da terra, desta terra que Cristo lhes prometeu eles possuíriam? Só os violentos, os audaciosos e os brutais são glorificados! Chamam-lhes «*revolucionários*» e aclamam-nos!

Que período mais do que este desprezou os que choram? Necessita de gritos de alegria e do fulgor dos sentidos!

Espezinha os que têm fome e sede de justiça, em nome da história e do materialismo!

Encarna-se contra os misericordiosos, porque só o interesse deve contar, neste mundo guiado pelo mito do progresso material e do orgulho do homem!

Repelem-se os corações puros, infamam-se, escarnecem-se, porque se quer alimentar a juventude e entreter os povos com espectáculos abjectos e de ódio em brasa!

Crucificam-se os pacíficos e amaldiçoam-se, se não se prestam a todas as cóleras das multidões, se não obedecem a todas as paixões violentas dos Estados!

Pronto sempre a derramar torrentes de sangue pela defesa ou engrandecimento dos seus interesses materiais, este século pouco se importa com aqueles que lhe recordam a Justiça de Deus ou a Fé e o Amor de Cristo. Entrega-os à Besta, aos piores inimigos da Cristandade, como fez em Teherão e em Yalta; depois, se ouve falar de mártires na China, na Polónia, na Hungria, que faz ele? Nesse dia, recusa ir comer caviar na Embaixada da Rússia, mas no dia seguinte — e ainda os cadáveres dos justos não estão apodrecidos — apressa-se a acolher os perseguidores e a dar a este pacto sangrento o nome de PAZ!

O nosso século, neste inverno sombrio, arrasta-se carregado de crimes, de horrores e de terrores; não há uma única das Bem-aventuranças que ele não tenha virado contra si. Diante dele e contra ele, uma só luz: a alva glória grandiosa da Virgem Imaculada. Só a nossa Mãe, a única pronta a todas as dores e a todos os sacrifícios, a única incapaz de pecado ou de mancha, pode acolher-nos e apresentar-nos a seu Filho para a penitência e para o amor. Ela, que na mente de Deus existiu antes de todas as coisas, lembra-nos que, antes de tudo, existe, por meio d'Ela, a misericórdia de Deus. Saibamos implorar todos, para todos nós, o perdão que por Ela Deus nos preparou.

GLÓRIA A MARIA NA SUA CONCEIÇÃO IMACULADA.

P. S. Stock

(De «*L'Avenir Catholique*»).

Pobreza e maus hábitos

À Redacção da «Voz da Fátima» chegou a seguinte carta dum peregrino inglês:

«Pensando na minha peregrinação à Fátima em Outubro passado, desejaria chamar a atenção para dois pontos:

1.º — A necessidade de avisos pelos alfalantes, em inglês e noutras línguas.

2.º — As crianças pedintes perseguem-nos praticamente por toda a parte. Isso leva-nos a crer que haja pobreza na Fátima e tenho a certeza de que os peregrinos estarão dispostos a contribuir para a aliviar, dum forma, porém, que não seja aviltante para os necessitados. Por exemplo, se há al qualquer associação semelhante à nossa Sociedade de S. Vicente de Paulo, rogando aos organizadores das peregrinações que auxiliem essa associação e que neguem a esmola aos pedintes».

Por a julgarmos de interesse geral, reproduzimos a resposta que se deu a esta carta:

«Quanto ao primeiro ponto, os dirigentes de peregrinações estrangeiras podem utilizar os microfones para quaisquer avisos na sua própria língua.

Quanto ao segundo, e embora em torno do Santuário, nos dias de grandes peregrinações, a Polícia de Trânsito consiga afastar os pedintes, muito há ainda de facto a fazer, mas não no sentido sugerido. Nenhuma outra localidade rural em Portugal terá tanta assistência às crianças como a freguesia da Fátima, e nomeadamente a Cova da Iria: Conferências de S. Vicente de Paulo (masculina e feminina); Irmãs de S. Vicente de Paulo, com Dispensário; Patronato das Irmãs Doroteias para meninas; Patronato das Irmãs Dominicanas, para rapazes; Lar de Santa Maria, para crianças dos 3 aos 7 anos; Irmãs Concepcionistas, com Internato para meninas; Irmãs da Divina Providência, idem; Casa da Mãe do Céu, para rapazes. Portanto a pedincha das crianças não se justifica.

Há, na verdade, famílias numerosas, a maior parte com mais de seis filhos, mas todas, mais ou menos, com os seus meios de subsistência. A dificuldade maior e mais frequente, para elas, está no vestuário. Contudo, o que tem habituado mal esta população é a esmola estrangeira, para as crianças, e a febre da ganância, para os adultos, principalmente os adventícios».

A única esperança diante do comunismo

«Para mim, a única razão de esperar que o Comunismo, que hoje divide o mundo, há-de um dia ser vencido e a Rússia convertida, é a Mensagem de Nossa Senhora da Fátima. Sem esta esperança, nenhuma outra esperança existe, uma vez que o Comunismo, em pouco mais de trinta anos varreu a quarta parte do mundo, dominando quase um terço da humanidade e continua a avançar. Têm sido mal encaminhadas todas as tentativas de aproximação das nações cristãs com a Rússia e as actividades comunistas têm embargado todo o esforço para transpor o abismo que divide o mundo moderno. Parece não existir já meio algum humano para evitar o conflito que seria o extermínio da raça humana.

Só esta certeza de que a oração e a penitência são o caminho da salvação, livra do desespero os que conhecem a força e o carácter diabólico do Comunismo.

De facto, o Comunismo é diabólico. É talvez a coisa mais infernal que o mundo até hoje conheceu.

O Comunismo é o resultado do paganism moderno, filho da incredulidade. O vazio espiritual que abriu a porta ao Comunismo tornou-se virtualmente o maior perigo do mundo.

Para acabar com a ameaça comunista tem de se encher este vácuo e não se conseguirá e não o será — como Nossa Senhora disse na Fátima — senão pela oração e pela penitência dos que têm fé. Só esta Mensagem garante hoje a possibilidade da Paz, através da derrota do Comunismo e do regresso à Cristandade. Numa palavra, a nossa única esperança para a paz mundial encontra-se em Nossa Senhora da Fátima».

(Douglas Hyde — antigo primeiro redactor do jornal comunista «The Daily Worker», convertido em 1948).

Livros recebidos na Redacção

SANTOS EVANGELHOS EN CONCORDANCIA — HISTÓRIA DE JESUS. Difusora Bíblica. Av. Conselheiro Barjona de Freitas, 10. Lisboa.

No actual movimento de propaganda escriturística em Portugal, os Revs. Padres Capuchinhos, com as edições da sua «Difusora Bíblica», ocupam certamente um lugar de destaque. O livrinho em referência, do P.º Inácio Veigas, tem tido edições sucessivas, prova de quanto o público o aprecia e acarinha. A última edição — a 6.ª — foi de 100 mil exemplares. Custa apenas 2\$50, o que não chega a pagar o papel!

O PÉ DESCALÇO — UMA VERGONHA NACIONAL QUE URGE EXTINGUIR. Liga Portuguesa de Profilaxia Social. Porto.

Repositório de 28 anos de actividade da benemérita Liga de Profilaxia Social, este livro, que nós consideramos bastante documentado, tem por fim generalizar a Portugal e às suas Províncias Ultramarinas o combate que a referida Liga empreendeu contra o rotineiro, perigoso e degradante espectáculo que o pé descalço nos oferece.

Sob a E'gide de Mari

Para comemorar o 3.º centénario da consagração do país a Nossa Senhora, feita pelo Rei João Casimiro, o Episcopado polaco proclamou um Ano Mariano, de 3 de Maio de 1956 a 3 de Maio de 1957.

Em 26 de Agosto do ano passado, mais de um milhão de Peregrinos, tendo à frente 34 Bispos fizeram em Czestochowa, o grande santuário nacional polaco, a renovação do juramento solene de dependência de Maria, Rainha da Polónia.

A 3. de Maio começava o ano mariano. Desde Junho, os tumultos de Poznam davam o primeiro abalo na Polónia. Depois deu-se a subida ao poder de Gomulka e a libertação do Cardeal Wyszyński.

O ano mariano ainda não terminou. A Polónia pode e deve esperar ainda a resposta d'Aquela que dá sempre mais do que prometeu e nunca se deixa vencer em generosidade.

Movimento Religioso do Santuário durante o ano de 1956

Durante o ano de 1956 o Santuário registou o seguinte movimento religioso: Missas celebradas na Capela das Aparições, 3.237; na Basílica, 4.000. Comunhões distribuídas, para cima de 300.000. Retiros, 52. Passaram durante o ano findo pelo Santuário Suas EE. os Cardeais Tisserant e Roncalli, o Nuncio Apostólico em Espanha, 19 Bispos de 12 nações, além de quase todos os Prelados Portugueses, Ministros, Embaixadores, jornalistas, etc.. Realizou-se o Congresso do Rosário, com participação luso-espanhola. Foram benzidas mais de 70 imagens de Nossa Senhora da Fátima que seguiram para os mais distantes países do Mundo. Realizaram-se 580 casamentos e 75 baptizados.

«AUXILIARES DO CLERO»

Chegou no dia 10 de Janeiro à Fátima o Rev. Cónego Paulo Dentin, fundador e Director da Obra francesa «Auxiliares do Clero» que conta oito anos de existência.

Trata-se de uma organização masculina semelhante à feminina que existe no Patriarcado de Lisboa.

A Casa Mãe é em Saint-Riquier (Somme) com uma delegação perto de Marselha (Le Beausset, Var). O registo do movimento acusa 21 membros com votos, 14 dos quais já colocados em várias paróquias, e 43 em formação. Os votos são privados; os membros não usam qualquer hábito ou uniforme que os distinga; apenas em serviço na igreja usam batina.

Uma pequena revista mensal, deveras interessante, informa do desenvolvimento e actividades dos «Auxiliares du Clergé».

De visita à obra do Cónego Dentin e com o fim de estudar o seu sistema de organização, esteve o ano passado em França o Rev. P.º Aleixo Cordeiro, do Seminário de Almada.

O Cónego Dentin avistou-se com S. Em.º o Senhor Cardeal Patriarca e com o Senhor Bispo de Leiria, e ficou animado a fundar a sua obra em Portugal, construindo para esse fim uma casa na Fátima. Espera regressar à Fátima em Maio e levar daqui, benzida pelo Senhor Cardeal Patriarca, uma Imagem destinada à Casa-Mãe dos Auxiliares do Clero.

Homilia do Senhor Cardeal Tisserant

Russos educados nas escolas bolchevistas e outros da categoria dos trabalhadores manuais têm-nos dito como, durante vários anos, jamais se tinham posto questões sobre a existência de Deus ou os seus fins últimos, tanto se sentiam oprimidos pelo ensino recebido e privados do mínimo de tempo disponível, que lhes proporcionasse um pouco de reflexão pessoal. Peçamos, caríssimos Irmãos, para que estas almas, em perigo de indiferença, sejam conduzidas por Maria ao amor de Deus.

OS JOVENS DEIXAM-SE PRENDER CADA VEZ MENOS PELA MÍSTICA COMUNISTA

As igrejas, na União das Repúblicas socialistas soviéticas, são frequentadas, dizem os viajantes, sobretudo por mulheres. Mas informam-nos os jornais russos que também ali se encontram jovens. Os organizadores da juventude comunista, ou Komsomol, inquietam-se por muitos membros do seu movimento, apesar da proibição que lhes é imposta, visitarem as igrejas, receberem os sacramentos, fazerem abençoar por um sacerdote o seu casamento e apresentarem os filhos ao baptismo. Ainda ontem o jornal da Juventude comunista fazia o elogio de uma nova publicação, cujos leitores deviam ser libertos para sempre da tentação de admitir a existência de um mundo espiritual, dado que, dizem os incorrigíveis materialistas, a ciência demonstra que nada existe para além do que cai sob o domínio dos sentidos. Por que é que multiplicam obras deste

género senão porque se verifica o renascimento, em certos jovens, da fé religiosa?

Quem pôde falar recentemente com jovens bolchevistas ficou espantado porque muitos deles deixaram de crer no comunismo. Mos primeiros anos do regime e, de novo, por ocasião da guerra, o governo de Moscovo pediu aos cidadãos da União das Repúblicas socialistas soviéticas sacrifícios consideráveis, afirmando-lhes que tais sacrifícios eram indispensáveis para assegurar a estabilidade da nova ordem de coisas e a felicidade das futuras gerações. Muitos responderam com submissão admirável, alguns com entusiasmo, às numerosas imposições, que tornavam tão difícil a sua vida material e moral. O encantamento, porém, está a caminho de dissipar-se. Os jovens deixam-se prender cada vez menos pela mística comunista. Auxiliemo-los com as nossas preces, meus caríssimos Irmãos, a fim de que na sua desilusão, não se lancem na busca desenfreada dos prazeres sensuais.

A miséria, que feriu nos primeiros anos da revolução a quase totalidade da população, e os maus tratos habituais, que são ainda o quinhão do maior número, desenvolveram entre os que se não corromperam no egoísmo e na imoralidade um delicadíssimo sentimento da caridade mútua. Um padre católico, livre dos trabalhos forçados na Sibéria a que tinha sido condenado, embora não fosse de nacionalidade soviética, contou-me como fora convidado para cada refeição durante um longo trajecto por caminho de ferro,

quando as autoridades soviéticas o tinham metido no comboio sem lhe darem a soma indispensável à alimentação estritamente necessária. Se bem que não fizesse qualquer mistério da sua qualidade de sacerdote católico, todos os seus companheiros de viagem aplicaram espontaneamente a seu respeito a caridade que Nosso Senhor nos ensinou na parábola do Bom Samaritano. Aqueles que assim souberam praticar a caridade têm garantida a indulgência divina. Rezemos, meus Irmãos, para que sejam dia a dia mais numerosos na União das Repúblicas socialistas soviéticas os que seguem conscientemente ou não, os preceitos do Evangelho; preparem a conversão do seu país.

PERSPECTIVAS DE UMA UNIÃO FUTURA COM ROMA

A reorganização da Igreja nacional, a ordenação de um número crescente de sacerdotes, a reabertura de numerosas igrejas e de alguns mosteiros, a recente colocação à venda de uma edição dos Livros Santos em língua russa, favorecem um despertar religioso, cujas manifestações são certas. Este despertar religioso, todavia, não tem podido frutificar, até ao presente, senão no quadro da Igreja oficial ou no de algumas seitas protestantes existentes na Rússia, enquanto a religião católica continua a ser a grande perseguida. Há pelo menos perspectivas de uma união futura com Roma? Parece-me que, mesmo aqui, é justo declarar que não faltam circunstâncias favoráveis.

Na Rússia dos czares havia uma população católica bastante considerável, mas localizada nas partes ocidental e sudoeste do império, de rito latino e de origem estrangeira, dos Polacos e dos descendentes de colonos alemães. Os russos, que não tinham viajado ou residido nestas regiões tinham conseguido ter, quando muito, algum contacto com funcionários católicos, espalhados pelo imenso território do império, integrados nestes grupos étnicos e praticando a sua religião segundo o rito latino. Não tinham qualquer possibilidade de conhecer directamente a organização da Igreja católica e o seu funcionamento. A prática do rito oriental na língua eslava era proibida aos católicos. Não foi autorizada na Rússia senão nos primeiros tempos da República, antes de triunfarem os elementos bolchevistas. Disso se aproveitou, aliás, a Santa Sé para dar um chefe hierárquico, o exarca Leônidas Féodorov, ao pequeno grupo de católicos de rito oriental, que logo se constituiu. O exarca, porém, foi preso em mil e novecentos e vinte e três, assim como a quase totalidade dos seus fiéis, pequeno grão de mostarda, minúsculo, mas cheio de promessas, que não teve tempo de ganhar raízes. Foi então que a dispersão deste pequeno grupo nas prisões e nos campos fez compreender, pela primeira vez, a muitíssimos Russos que lhes seria possível estar em união com o Vigário de Jesus Cristo, o Papa de Roma, conservando em tudo a maneira de orar dos seus antepassados.

(CONTINUA)

Palavras dum Médico

Pio XII e a Medicina

I

Missão enorme, sobre-humana quase, a do Pontífice que a nossa época exigia. A ele, como guia supremo da Igreja, não foi confiada apenas a salvaguarda e ensino da fé; estava-lhe destinada — nesta hora suprema que surge como encruzilhada dos séculos, fim de uma era e de suas verdades vencidas, e dealbar de novos mundos acalentados ao fogo de energias novas, — estava-lhe destinada a tarefa gigantesca de iluminar ao facho daquela luz todos os problemas que à consciência se equacionam, todos os conhecimentos que a inteligência vislumbra — sociais e culturais, familiares e profissionais, relações entre as nações, e, até, de certo modo, interferência em problemas científicos.

Ao leme da barca de Pedro, está a figura inconfundível de Pio XII. E hoje, volvidos 18 anos de Pontificado, ao olhar para trás, debruçados sobre a sua actividade, ele surge como o condutor que os nossos corações desejavam, e o chefe que as nossas inteligências sonhavam. Maior talvez do que poderíamos ter imaginado.

Do Vaticano levanta-se hoje uma voz que a todos agita. Uns amam-no e estimam-no; outros respeitam-no; outros o temem, odeiam e perseguem, nos seus fiéis e nos seus pastores. Mas — e até por isso mesmo — cresce, dia a dia, a penetração da sua palavra e do seu prestígio.

O mundo inteiro o escuta. E o Papa fala a todos os homens, a todas as profissões, a todas as classes. Em conjunto, o separadamente, o Papa se detém sobre os problemas de cada sector, com uma integração plena no espírito e nos problemas dessa profissão ou desse agregado, com um domínio das equações, por vezes do pormenor, que nos assombra. Desde universitários a pastores de rebanho, de diplomatas a desportistas, de empregados bancários a artistas de cinema e teatro, todos desfilam diariamente pelos salões do Vaticano ou escutam a sua mensagem pela rádio. E é na rapidez, na facilidade com que se integra, domina e faz doutrina sobre um nunca acabar de aspectos da actividade humana — por vezes em frente a opiniões tão divergentes —, é então que nos temos de curvar ante a apoteose de uma cultura vastíssima aliada a um fulgurante poder de síntese.

E de certo que este homem, onde a inteligência humana do génio se uniu à inspiração permanente do sopro divino, de certo que há-de encontrar na profissão médica honra sublime e destinos ímpares, pois lhe tem dedicado, no seu labor ingente e no seu afã ubíquo, uma actividade sem par e uma atenção sem rival. Não é descabido o superlativo, pois a classe médica tem sido aquela que, após a sacerdotal e destacadamente na vanguarda das outras classes, mais vezes escutou as palavras do actual Papa. Ultrapassam já a cinquenta os discursos e as alocações que dirigiu a médicos. Nunca essa classe médica, sempre tão avara da sua independência, ouvira e acatara tantas vezes, e com tanto respeito, uma voz, fora dos quadros da profissão, fazer doutrina sobre problemas seus. Dentre a insigne galeria dos deontologistas católicos da medicina, figuram alguns sacerdotes do valor de Payen, Peiró e Muñoz; pois esses mesmos souberam que só poderiam falar com autoridade à classe, quando integrados nela; todos subiram os degraus das Faculdades de Medicina. E só a este Homem não médico o consenso universal autorizou a excepção.

Ouvem-no Congressos de Medicina Geral, de médicos católicos, União Médica Latina, Associação Médica Mundial. Discursa a reuniões especializadas, Congressos de cirurgia, de oftalmologia, de oto-rino-laringologia, da poliomielite, de histopatologistas, neurocirurgiões, radiologistas, especialistas das vias digestivas, de doenças torácicas, ginecologistas e obstetras, psiquiatras, cardiologistas, urologistas, para só citar os que tenho agora

Mensagem de Amor

8. As grandes Palavras de Ordem (3)

O Evangelho! Sempre o Evangelho: *Queres entrar na vida eterna? Guarda os Mandamentos... Não matarás; não cometerás adultério; não roubarás; não levantarás falsos testemunhos; honra o teu pai e a tua mãe; e: Amarás ao próximo como a ti mesmo.*

Ninguém se assuste com estas exigências necessárias, porque o Senhor também disse: *«O meu jugo é suave, e leve o peso do meu fardo».* Continuemos a ouvir a Mensagem: *«Esta é agora a penitência que o Bom Deus pede: O sacrifício que cada pessoa tem que se impor a si mesma para levar uma vida de justiça na observância da sua Lei; deseja se faça conhecer com clareza este caminho às almas, pois muitas, julgando o sentido da palavra penitência nas grandes austeridades, não sentindo forças nem generosidade para elas, desanimam e descansam numa vida de tibieza e pecado».*

Pode o caminho da salvação ser indicado com maior clareza? *Vida cristã, vida pura e simplesmente cristã.*

Só isto. E isto é tudo.

Note-se que não dizemos vida mole, vida isenta de luta.

Já Sua Santidade o proclamava, a 22 de Janeiro de 1947, numa audiência concedida à *Rinascita Cristiana*: *«Quando se olham bem de frente as condições em que vós vos encontras, as concepções e os hábitos da vida moderna, com as suas misérias e as suas baixezas, com as suas seduções e os seus encantos quase diabólicos; quando se considera a pressão tirânica de organizações que se impõem com uma força monstruosa, temos de reconhecer que a fidelidade aos Mandamentos de Deus, sempre e por toda a parte, sem reservas e sem transigências, exige, dia a dia, um domínio de si, um esforço constante, uma abnegação, que por vezes chega até ao heroísmo».*

Não tenhamos, pois, ilusões.

Para vivermos vida cristã, integralmente cristã, será preciso ultrapassar obstáculos, vencer resistências. *«O Reino do Céu sofre violência e só os violentos o alcançam»*, aqueles que se fazem violência a si mesmos.

Mas a voz maternal que nos pede o esforço, indica-nos ao mesmo tempo o meio de levar de vencida as dificuldades, quando nos suplica que *não ofendamos mais a Nosso Senhor, que já está muito ofendido.*

Nesta súplica magoada, onde bem se descobre um acento de tristeza pungente, quem não vê também o móbil íntimo do ódio que Maria tem ao pecado e, ao mesmo tempo, o segredo da nossa perseverança: o amor a Jesus?

Sabe-se como o Apóstolo cantou este amor: *«Quem nos apartará da caridade de Cristo? A tribulação? a angústia? a fome? a nudez? o perigo? a perseguição? o gládio? Mas se em todas estas coisas nós somos mais que vencedores, por Aquele que nos amou!»*

Eis o canto de triunfo dos amantes de Cristo!

A vinte séculos de distância, três humildes pastorinhos o retomaram e cantaram à sua maneira.

À sua maneira, sim, mas por forma realmente efectiva.

Seria preciso seguir de novo todo o trama das suas curtas vidas, depois das Aparições, examinar um a um os exemplos de coragem e de virtude que nos deixaram, para mostrar os heroísmos a que chegaram de fidelidade no amor: humildade, paciência nas provas, fortaleza nos sofrimentos, sede de sacrifício, compaixão pelos pecadores, tudo isto animado por um incrível desejo de reparação, para consolar os Corações de Jesus e de Maria.

FR. ESTANISLAU, O. F. M. CAP.

Peregrinação Internacional da J.O.C. a Roma

Realiza-se no próximo mês de Agosto uma grandiosa Peregrinação Internacional da Juventude Operária Católica a Roma.

A J. O. C., que actualmente existe em 75 países, correspondendo aos anseios do Papa, deslocará à Cidade Eterna trinta mil rapazes e raparigas, que ali representarão milhões dos seus camaradas de trabalho.

Fazem-se os necessários preparativos para que jovens operários do Continente, das Ilhas e do Ultramar representem o nosso País na extraordinária manifestação de unidade e de força da Juventude Operária Católica de todo o Mundo.

em mente. Fala aos médicos militares, da Cruz Vermelha, da Organização Mundial de Saúde, aos Congressos Mundiais de Medicina do Trabalho, de Microbiologia, de Genética Médica. Dirige-se às profissões para-médicas: farmacêuticos, parteiras, enfermeiras. Ouvem-no finalmente — pioneiro de uma medicina total — na mais bela alocação do seu Pontificado, os que sofrem. A 14 de Fevereiro de 1954, preso ao leito por enfermidade grave e astenizante que sobressaltou o mundo católico, Pio XII, enfermo, fala aos doentes de todo o mundo. E aquele que ouvíamos há pouco, na mais aristotélica das lógicas ou no mais objectivo rigor científico, traçar os caminhos da ética profissional ou exaltar a realização da medicina total, é agora o conselador carinhoso e paternal, o amigo que possui o dom inesquecível de elevar o que ficou do destruído homem que sofre, mais na alma do que no corpo. Singular sentido do humano, maravilhoso poder de adaptabilidade, segredo de muito do seu poder.

Mário Cerqueira Gomes

Crónica financeira

Janeiro geoso, Fevereiro chuvoso e Março ventoso, fazem o ano formoso, diz o rifão. O Janeiro foi geoso, o Fevereiro tem sido chuvoso (e promete continuar, à data em que escrevimos estas linhas) o que mostra que o ano agrícola está em bom caminho, e queira Deus que se não venha a extraviar.

Na França, e por certo na Europa Ocidental que se estende para lá dos Pirineus, as chuvas que mais aproveitam ao trigo e demais cereais praganosos, são as de Janeiro, Fevereiro e Março. Em Portugal não sei que haja estudos feitos para esclarecimento deste ponto, mas o que diz a prática dos cultivadores é que as chuvas que mais aproveitam aos cereais praganosos são as que vêm no momento oportuno. As que mais aproveitam aos milhos são as que enchem as fontes, para que haja no verão água de rega. As que enchem as barragens dizem que são geralmente as de Março e Abril. Só depois de as terras terem bebido bem, é que a água da chuva chega às albufeiras.

Diz a folha agrícola do Instituto Nacional da Estatística, de Janeiro passado, que em alguns pontos do país tem havido falta de braços, o que é bom sinal, e que o preço do gado em algumas partes tem mostrado tendência para a baixa. Quanto ao preço do vinho, nada diz, mas constata-nos que a tendência geral é para a alta, como não podia deixar de ser, porque já tem havido muita toлда, segundo consta, e não admira, por duas razões principais, que passamos a expor.

A primeira foi porque o ano correu mal para todas as frutas e principalmente para a uva, que não chegou a amadurecer. Mas na maior parte das nossas regiões vinhateiras, por falta de calor. A este forte contratempo acrescentou-se o da chuva que caiu durante as vindimas em muitas partes. Esta foi a primeira causa da inferioridade de muitos vinhos da colheita passada, mas não foi a única.

Houve outra mais lamentável ainda, porque essa teria remédio, que foi a ruína do fabrico do vinho. A maior parte do pequeno lavrador não sabe preparar o seu vinho, ou não se esmera no seu fabrico, nem mesmo no tratamento das vasilhas. Não vindima no momento conveniente, que é quando as uvas atingem a maturação completa; não rejeta as uvas podres, nem as que caem no chão; não desinfecta o mosto, nem o corrige; não trasfega no tempo próprio, nem corrige o vinho, e o resultado é que se lhe estraga de um momento para o outro.

Bem sabemos que o negociante só olha à cor e do resto não se importa e por isso o lavrador não tem interesse em se esmerar no fabrico do vinho, porque esse esmero custa dinheiro e dá trabalho que não encontra compensação na venda. É tudo isso verdade, mas também é certo que se o vinho se estraga, lá vai tudo quanto Marta fiou! A indiferença do negociante pela qualidade do vinho também tem às vezes o seu castigo. De um caso sabemos nós, sucedido já este ano, dum lavrador que vendeu a sua colheita. O negociante levou o vinho e passados poucos dias, toldou-se-lhe no armazém. Foi um prejuízo quase total.

Quando este negociante fechou o negócio, já o vinho devia estar avariado, e se fosse escrupuloso na qualidade, não teria feito a compra. Mas no negócio dos vinhos comuns não há esse escrupulo, como aliás nos demais frutos da terra, e por isso o lavrador se desinteressa também da qualidade.

E isto vem de longe, mas os tempos estão a mudar. O mercado nacional não chega para dar vazão às nossas colheitas e os mercados externos já não admitem zurrapas. Se quisermos exportar, temos de nos aperfeiçoar no fabrico do vinho e na melhoria de todos os produtos da terra. E não é só o lavrador que tem de se apurar, é também o negociante. Quando, no verão passado, estivemos em Angola, demos-nos ao cuidado de experimentar as diversas marcas de vinho verde engarrafado que havia à venda no hotel em que estávamos. Todos esses vinhos estavam envoltos em depósitos, menos uma marca de Basto, que fazia excepção honrosa. O resto era uma vergonha.

PACHECO DE AMORIM

GRAÇAS DA JACINTA

D. Maria Albertina Pinto da Silva, Porto, sofrendo de hipertrofia na tiróide e necessitando de ser operada, sentiu-se curada sem ter feito tal operação, graça esta que atribui à intercessão da vidente Jacinta Marto.

D. Eudóxia Augusta Passos Penalva, Porto, escreve: «Sendo eu irmã da Ordem do Carmo, encontrava-me doente e com a idade que me dava direito a ingressar no Recolhimento da referida Ordem. Tinha um interesse particular em ficar no Asilo do Carregal, que pode albergar onze irmãs pobres, mas estava todo ele ocupado. Resolvi fazer uma novena à Serva de Deus Jacinta Marto, prometendo, se me alcançasse a graça de ingressar no Carregal, de mandar 10\$00 para a sua beatificação e de rezar um terço todos os dias durante um ano. Chegou o dia de me apresentar; eu ia triste, mas resignada. A Religiosa que me recebeu, animava-me, dizendo que quando houvesse lugar na outra casa me mudaria para lá; entretanto indicou-me a cama que ali me estava destinada, mas diz-me de repente: «Deixe aí os seus embrulhos, vá ao Carregal e diga à Irmã que telefone para aqui à Superiora; também eu lhe vou pedir que autorize a pôr uma cama a mais no Carregal» — O tempo que tive de esperar, passei-o a pedir à Serva de Deus que fosse a minha advogada diante de Nosso Senhor. Acabaram os telefonemas, e a nossa Irmã Custódia diz: — «Não compreendo isto! Ainda hoje pela manhã, fui de propósito pedir à Madre Superiora licença para preparar mais uma cama e ela disse-me que não; agora diz que sim! Vou já prepará-la para si» — Não cabia em mim de alegria, e todos me davam os parabéns. Foi esta uma grande graça que a Jacinta me alcançou e, como prometi, mando 10\$00 para a sua beatificação».